

RESPONSABILIDADE SOCIAL EMPRESARIAL: MÉTAFORAS

Este texto foi escrito por Deborah Baesse e apresentado como trabalho de conclusão da segunda edição do programa Profissão Desenvolvimento, realizado pelo Instituto Fonte pelo Desenvolvimento Social – www.fonte.org.br. Contatos com autora podem ser enviados para deborah@icema.org.br

INTRODUÇÃO

Era uma vez um mito, escrito há muitos e muitos séculos, que narra encontros e desencontros entre Eros, o amor, e Psiqué, a razão. Era uma vez um grupo de profissionais de desenvolvimento que se encontraram para repensar suas práticas...

Essa é uma história de lutas, conflitos e tensões entre razão e emoção. É um texto sobre metáforas do trabalho em R.S.E cuja única pretensão é compartilhar sentimentos emergentes do cotidiano profissional de sua autora. Este texto não se pretende um artigo científico, nem busca ocupar um lugar prescritivo, sinalizando soluções. Antes, é um artigo tributário do inconsciente, da ordem do não dito, mas sentido e praticado.

O MITO

Apaixonados, Eros, deus, e Psiqué, mortal, se casam sob a condição de que ela jamais poderia ver a face do amado. Tudo era perfeito em suas vidas, exceto a curiosidade que Psiqué nutria de ver face a face seu marido. Enfim, um dia quando Eros dormia, Psiqué pegou uma lâmpada e focando sobre ele satisfez sua inquietação. Entretanto, um pingote de óleo quente caiu da lâmpada e Eros despertou assustado. Vendo que a esposa violara o pacto, deu-se a quebra do encanto. Não poderiam mais continuar juntos! Psiqué desesperada com a perda do amado recorre a Afrodite, deusa da beleza e mãe de Eros, que lhe impõe como condição para reconquista de Eros a execução de quatro trabalhos. O primeiro deles é separar grão por grão uma mistura de cevada, milho, grão de bico, sementes de papoula, lentilha e fava. Diante do imenso desafio e já quase desistindo da

tarrafa, ouve uma voz que lhe oferece ajuda. Era uma formiga! A formiga diz a Psique que não se angustie pois todo o formigueiro a ajudará. Elas são muitas e juntas podem rapidamente agir. Vencido o primeiro desafio, Afrodite apresenta-lhe a segunda tarefa que consiste em ir até o vale e retirar lãs douradas de carneiros selvagens e ferozes. Mais uma vez o desespero toma conta de Psique. Aqueles carneiros a destruirão. Ela chora copiosamente. Então ouve novamente uma voz que lhe diz: Calma, menina! Quem disse que você precisa enfrentar os carneiros para cumprir sua tarefa? Psiqué olha em volta e descobre quem lhe fala. São plantas aquáticas flexíveis e suaves que lhe ensinam que é preciso usar da sabedoria e buscar a hora certa para agir. À noite, quando os carneiros dormem, é possível apanhar nos galhos dos arbustos por onde vagueiam ferozes como loucos os fios de lã dourada dos seus dorsos. Psiqué vence assim a segunda tarefa. Afrodite sentencia então a penúltima missão: Psique deverá com um vaso de cristal escalar um rochedo íngreme à beira do abismo e apanhar a água da vida, que fica em um riacho guardado por dragões. O desespero toma conta da menina. Agora seria de fato impossível reconquistar seu amado. Chorando desolada ouve uma voz. Dessa vez quem lhe fala é a águia. Capaz de ver de cima, analisa a situação e descobre uma forma de atacar exatamente o ponto central das questões. A águia vai além do fato, voando e olhando do alto mantendo a distância necessária para observar todo o sítio. Então a águia ergue Psique pelo bico levando-a com o vaso até o riacho para colher a água da vida.

Furiosa por ver Psiqué vencendo todos os desafios lançados, Afrodite sentencia o último e definitivo trabalho a ser realizado: Com uma caixa, a menina deve ir ao rio da morte, atravessar o inferno, e receber da Morte um pouco da beleza imortal. Psique em sua fragilidade natural, mas fortalecida pelas aventuras anteriores, vê-se novamente perdida. Quando já estava quase desistindo ouve uma voz que lhe fala. É a torre. Ela sobe e esta orienta-a: Fique concentrada em sua missão, não caia nas armadilhas. Dialogue com a Morte e aprenda a dizer não. Psiqué sente-se forte, vai em frente, desce à mansão dos mortos, negocia com Caronte, o barqueiro, recebe a caixa de Pandora contendo a beleza imortal e feliz retorna para finalmente receber o aval de Afrodite e seu amor de volta. Entretanto, no meio do caminho é tomada por uma profunda curiosidade. Deveria se arriscar a abrir aquela caixa e pegar um pouco da beleza imortal? Daria de mão beijada a

Afrodite aquele tesouro que tanto lhe custara alcançar? Não resistindo à tentação, abre a caixa e de lá sai, não a beleza imortal, desejo de toda mulher, mas um gás venenoso que a mata. Ela morre e esta é a condição para que seja aceita no Olimpo em uma outra dimensão. Morre para renascer. Afrodite finalmente reconhece seu valor e aceita a união da agora imortal com seu filho Eros.

ABRINDO O ORÁCULO....

O mito em questão nos suscita muitas questões: Por que Psiqué não podia ver o rosto de Eros? Por que isso a incomodava tanto? Romper um pacto faz movimentar, coloca o cotidiano estabelecido em desordem, quebra encantamentos... Qual o ônus disso?

A primeira tarefa apresentada a Psiqué é separar uma mistura de grãos. O que SEPARAR nos ensina? Por que se apresentam agentes externos sempre que Psiqué está quase desistindo da tarefa? Que papéis jogam os quatro elementos (terra, água, fogo e ar) no mito? Psique é apresentada como uma heroína. Quanto de humano há em sua trajetória? O heroísmo é uma virtude individual? Mortalidade e imortalidade. O que nos eleva de uma condição a outra?

AS APRENDIZAGENS:

Recorro ao mito de Eros e Psiqué para refletir um pouco e, quem sabe, contribuir com as discussões e reflexões acerca do movimento de responsabilidade social empresarial (R.S.E). Bastante polêmico, esse movimento das empresas na direção de questões sociais de interesse público, rompendo com seu papel tradicionalmente estabelecido de produzir bens e serviços, pagando impostos, gerando riquezas e empregos, desperta diferentes sentimentos e reações nas pessoas.

Fazendo alusão ao mito, é como se a temática em questão trouxesse um rosto encoberto, a ser desvendado e compreendido à luz de reflexões promovidas a partir do olhar de cada um

dos diferentes atores sociais. É a partir do repertório e das vivências de cada um que esse rosto real vai se desvendando e, enxergá-lo claramente exigirá de nós, como de Psiqué, correr riscos, desprender-se de preconceitos e ideologias.

Vermo-nos face a face exige coragem e resignação. É preciso ousar sair do discurso monocromático e querer pintar com o arco-íris. É preciso amar verdadeiramente a liberdade, colocando-nos no lugar do outro sem o ranço autoritário da verdade ideológica absoluta; é preciso a coragem de se sentir inadequado muitas vezes, ferindo e fazendo ferir, pingando óleo quente na acomodação e no conforto. E, uma vez rompida a harmonia aparente do sono mal resolvido, muito trabalho será necessário para que se recobre Eros.

Tal qual Psique, nós que trabalhamos diariamente com a responsabilidade social empresarial, precisamos realizar muitas tarefas para levar a cabo nossos objetivos. Algumas delas exigem-nos ao extremo, chegando a nos provocar a sensação de aniquilamento, tantas vezes experimentada por Psique durante sua jornada. E é por essas tarefas que queremos transitar, convidando o leitor a refletir sobre a temática da R.S.E e sobre o trabalho dos profissionais que a tornam realidade. Enveredar por esse campo exigirá de nós uma tarefa inicial: separar os grãos. É preciso diferenciar o joio do trigo. Não podemos apenas “satanizar” empresas e empresários, generalizando práticas. Há joio misturado ao trigo, mas isso há em todas as esferas.

Separar, eis uma tarefa fundamental que nos ensina Psique! A responsabilidade social empresarial tem sido marcada pelas generalizações. Falamos de empresas e empresários como se essa fosse uma categoria homogênea e uniforme. Como se os princípios que regem as práticas empresariais fosse sempre os mesmos. Como se as empresas não fossem feitas por pessoas, diferentes em suas convicções, sentimentos e ações.

Falamos de empresas como entes abstratos, atemporais e amorfos. Generalizamos sob esse rótulo diferenças regionais, estruturais, éticas e morais. Generalizamos algumas vezes creditando às empresas a redenção do mundo. Defendendo que a força e o poder do dinheiro são capazes de, isoladamente, gerar mudança.

Há muitos subtemas e nuances desse tema sobre as quais precisamos jogar luz. A ruptura com discursos (e práticas) extremistas e maniqueístas é condição sine qua non. Precisamos avançar refletindo por exemplo, sobre o papel intercomplementar das ações empresariais no campo social. É necessário aprofundar a reflexão sobre a cidadania corporativa ou sobre o lugar das corporações na cidadania participativa, analisando o poder de mobilização e pressão do segundo setor frente a questões de interesse público.

Há que se repensar a contribuição efetiva que as empresas têm a dar para o desenvolvimento local, que vai muito além dos recursos financeiros que investem em projetos. Encará-las como responsáveis pela arrecadação da maioria dos impostos nacionais, e por tanto, co-financiadoras das ações do poder público, amplia e muito a compreensão de seu papel social. E por que exatamente não aprofundamos essa reflexão? Que dores isso pode suscitar? Que encantamentos podem se quebrar ?

Parece-nos que o rosto encoberto permanece carente da curiosidade que rompe e faz movimentar, colocando o estabelecido em desordem. Mas, qual o ônus dessa mexida? Estaríamos desconstruindo a visão do herói que alguns possuem; ou do vilão, que há muito alimenta companheiros de jornada?

Ao desvendar o papel das empresas, compreendendo-as apenas como mais um ente promotor do desenvolvimento local, nem mais, nem menos importante que as ong's e o poder público, estaríamos destruindo um certo papel mítico historicamente projetado na empresa mãe, provedora e poderosa?

E se aceitarmos e entendermos a efetiva contribuição que as empresas têm a oferecer, exorcizando-as e abandonando a satanização de tudo que delas advém? Estaríamos soterrando a visão ingênua e revolucionária que há décadas encanta gerações de aguerridos? Afrodite nos observa! Mexer nessas questões pode significar a perda do amor idealizado. Recuperá-lo exigirá grande sacrifício.

Aludindo à formiga, que nos traz o elemento terra, precisamos fincar os pés no chão e, despindo-nos dos nossos preconceituosos saberes, predispor-nos à escuta atenta de interlocutor: a empresa. Como formiguinhas precisamos unir forças. Trabalhando a partir de nossa pequenez é que nos perceberemos grandes. Algumas “picadas” sempre se farão necessárias. Elas mostram ao gigante o poder daqueles que, parecendo insignificantes, podem muito. A formiga é também símbolo do trabalho. A opção que fazem aqueles que enveredam pelo campo da responsabilidade corporativa exige muito labor. O que pretendemos é mudar culturas e valores, tarefa para muitos e que se estenderá por gerações.

Além de energia, será necessário coragem para ir ao vale e retirar lãs douradas de carneiros selvagens e ferozes. Nem sempre o melhor caminho é o do enfrentamento. Não precisamos sempre confrontar os carneiros selvagens, correndo o risco de que nos aniquilem. Precisamos com sabedoria colher a lã de ouro que deixam presa nos galhos. Certamente não conseguiremos exterminar do mundo carneiros selvagens, nem lhes arrancaremos toda a lã para o social. Mas podemos domesticar alguns, destinando o ouro de sua lã em benefício da sociedade.

Nossa tarefa, infelizmente, não é revolucionária, mas reformista. Nos cabe dentro do sistema capitalista encontrar espaços de contra hegemonia, ocupá-los e ampliá-los gradativamente exercitando as lições do velho Gramsci. *“A hegemonia necessita da contra-hegemonia – a hegemonia e a contra-hegemonia devem ser vistas como “movimentos duplos simultâneos” formados em reciprocidade – a hegemonia dá forma à contra-hegemonia, e os esforços contra-hegemônicos levam as forças hegemônicas a realinharem-se e a reorganizarem-se”* (Persaud, 2001, p. 49).

O processo é lento, complexo e que de nós exigirá muita tolerância e paciência. Fortes aliados serão as plantas aquáticas, provocando-nos a refletir continuamente sobre a necessidade de sermos flexíveis e maleáveis. Tal qual o rio, precisamos assumir o formato desenhado pelo vale, resvalando em pedras, mergulhando no turbilhão das cachoeiras, nadando contra a correnteza, mas sempre guardando em nós os princípios que nos identificam: os valores, a transparência e o frescor da água.

Levar o vaso de cristal com a água da vida: eis a tarefa mais nobre e complexa que a nós se impõe! Quem são os guardiões do vaso de cristal da ética, dos direitos humanos e da democracia? Há de fato alguém ou algum grupo que sozinho possa exercer esse papel?

Conduzir o vaso ao topo da colina é empreitada para muitos que requer habilidade, lucidez e capacidade de lidar com as diferenças. Nessa tarefa não cabe a intolerância ideológica e a arrogância acadêmica. Antes é preciso exercitar a conveniência crítica. Muitas vezes nos será exigido negociar com Creonte e, com a clareza daquilo que é inegociável, usar como moeda os valores éticos e morais expressos em práticas coerentes e consistentes que de fato conduzam a mudanças sociais estruturais.

Os riscos do caminho nos fazem mais uma vez enxergar a necessidade de buscar no outro a ajuda. Sozinhos nada conseguiremos se a águia não aparece para nos amparar. Com a leveza do ar e a perspicácia das aves de rapina, é ela que nos resgata das trevas, suspendendo-nos no etéreo ar para que de lá, bem do alto, possamos enxergar o contexto. Sempre que a Morte se aproxima é preciso emergir do cotidiano, distanciando-se. Quantas águias estão ao nosso redor! Como temos dificuldade de enxergá-las! O vaso é frágil, e dentro dele levamos a água da vida. A escalada é íngreme e à beira está o abismo. Todo cuidado é pouco.

Finalmente, somos convidados a viajar ao inferno em um meio onde tantos já se vêem no paraíso. Com uma caixa, precisamos ir ao rio da morte, atravessar o inferno, e receber da Morte a beleza imortal.

Beleza, curiosidade, transgressão e morte se confundem. As escolhas que fizermos serão definitivas nos rumos da história. Abrir a caixa de Pandora é o irresistível caminho de morte e ressurreição, passando de mortal a herói. A torre de fogo trará a energia necessária para reinventar-se a cada experiência. Queimar referências é condição para renascer! Equilibrar razão e emoção uma necessidade constante. Esperamos sinceramente que a sensação de morte emergente das muitas caixas de Pandora que abrimos no dia-a-dia de nossas organizações não sirva para nos aniquilar, mas antes que nos permita ressurgir

fortalecidos. A beleza eterna nem sempre será alcançada. Pelo menos não como a fantasiamos. É preciso cultivar o olhar para enxergar o belo que se constrói e que nem sempre está evidente.

Não esqueçamos de, como Psiqué, buscar parceiros estratégicos para o cumprimento de nossas tarefas; que a partir da convivência com eles possamos cultivar em nós a capacidade de trabalho das formigas, a flexibilidade das plantas aquáticas, a presteza da águia e a fortaleza da torre, reinaugurando com muita fé essa jornada do herói, que antes de tudo é aquele que crê no impossível.